



**INSTITUTO DE LINGUAGENS E LITERATURAS
CURSO DE LETRAS - LÍNGUA INGLESA**

SAFIRA FONTENELE GOMES

**CHIBI DE CALON: O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LÍNGUA
CALON POR CRIANÇAS DE COMUNIDADES CIGANAS EM
SOBRAL-CE**

**REDENÇÃO
2023**

SAFIRA FONTENELE GOMES

CHIBI DE CALON: O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA
LÍNGUA CALON POR CRIANÇAS DE COMUNIDADES
CIGANAS EM SOBRAL-CE

Monografia submetida à Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras - Língua Inglesa da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Letras.

Área de pesquisa: Linguística Aplicada; Teoria de Aquisição; Cultura Cigana; Língua Calon.

Orientador: Prof. Dr. Tiago Martins da Cunha

Redenção
2023

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Gomes, Safira Fontenele.

G612c

Chibi de Calon: o processo de aquisição da língua Calon por crianças de comunidades ciganas em Sobral-Ce / Safira Fontenele Gomes. - Redenção, 2023.
39f: il.

Monografia - Curso de Letras - Língua Inglesa, Instituto de Linguagens e Literaturas, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2023.

Orientador: Prof. Dr. Tiago Martins da Cunha.
Coorientador: Prof. Dr. Lailson Ferreira da Silva.

1. Aquisição de linguagem. 2. Ciganos - Linguagem. 3. Língua cigana. I. Título

CE/UF/BSP

CDD 401.9



Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Instituto de Linguagens e Literaturas
Curso de Letras - Língua Inglesa

SAFIRA FONTENELE GOMES

Esta Monografia foi julgada adequada para a obtenção do Grau de Licenciado em Letras - Língua Inglesa, sendo aprovada pela Coordenação do curso de Letras-Língua Inglesa da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira e pela banca examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Tiago Martins da Cunha
UNILAB

Prof. Dr. Lailson Ferreira da Silva
UNILAB

Prof. Dr. Roque Albuquerque do Nascimento
UNILAB

Dedico este trabalho as minhas Aliadas, que estiveram ao meu lado do início ao fim, que acreditaram em minhas capacidades quando eu mesma questioneei-as. Tudo isso só me valeu por ter tido vocês ao meu lado. Todas as ansiedades e inseguranças que sentia e guardava em meu peito minimizavam nos momentos ao lado de vocês, todos os almoços e jantares, todas as brincadeiras, as gargalhadas altas e exageradas que sempre atraíam olhares. Vocês são sem tudo, sem vocês eu não seria nada (apenas tudo).

Agradecimentos

Agradeço profundamente aos colaboradores dessa pesquisa.

Aos calons e calins que me acolheram em suas casas e me trataram de maneira afetuosa.

Ao Instituto de Cultura, Desenvolvimento Social e Territorial do Povo Cigano do Brasil pelo apoio.

A minha mãe que esteve me apoiando durante toda a realização dessa pesquisa.

A UNILAB que me proporcionou a experiência acadêmica.

Aos meus professores, em especial meu orientador Prof. Dr. Tiago Martins da Cunha, por ter me garantido os conhecimentos que aqui foram aplicados.

Aos meus mentores espirituais, que me deram as forças necessárias e cuidaram para que tudo corresse bem.

As minhas Aliadas, Denner, Junayara, Karla, Letícia, Livia, Marco, Thamires, Vitória e Wesley, por terem sido meus pilares de sustentação durante os altos e baixos.

”Sim, todo conhecimento é aproveitado, nada se perde, tudo se transforma.”

Tia Neiva

Resumo

O presente trabalho se propõe a analisar de que modo ocorre o processo de aquisição da linguagem calon por crianças ciganas, identificando a língua calon na qualidade de uma língua de herança em situação minoritária, em comunidades ciganas de Sobral-CE. A partir da observação da conservação da língua calon mesmo após séculos de atos persecutórios e tentativas de apagamento das culturas ciganas, acrescentado a escassez de trabalhos científicos que abordassem as questões intrínsecas a linguagem calon, verificou-se a necessidade da produção deste trabalho. Para tanto produziu-se um *corpus* a partir da observação participante e entrevistas semi-estruturadas com os membros das comunidades estudadas, ancorando-se na produção epistemológica do Círculo de Bakhtin e a análise dialógica do discurso. Os dados analisados apontam para aquisição da língua por meio das relações sociais intergeracionais, como meio de preservação das tradições ciganas, mediante a transformação da relação entre indivíduos-língua.

Palavras-chave: Aquisição da Linguagem; Teorias de Aquisição; Povos Ciganos; Língua Calon.

Abstract

The present paper proposes to analyze how the process of acquisition of the Calon language by gypsy children occurs, identifying the Calon language as a heritage language in a minority situation in gypsy communities of Sobral-CE. From the observation of the conservation of the Calon language, even after centuries of persecutory acts and attempts to erase Gypsy cultures, added to the scarcity of scientific papers that addressed the intrinsic questions of the Calon language, it was verified the need for the production of this paper. For that purpose, a *corpus* was produced from participant observation and semi-structured interviews with members of the studied communities, anchoring itself in the epistemological production of the Bakhtin Circle and the dialogic discourse analysis. The analyzed data point to language acquisition through inter-generational social relations, as a means of preserving Gypsy traditions, through transforming the relationship between language-individuals.

Keywords: Language Acquisition; Acquisition Theories; Gypsy people; Calon language.

Sumário

| | | |
|----------|---|-----------|
| 1 | Introdução | 9 |
| 2 | Referencial Teórico | 11 |
| 2.1 | Linguística aplicada | 11 |
| 2.1.1 | Multidisciplinaridade x Transdisciplinaridade | 12 |
| 2.2 | Aquisição da linguagem | 13 |
| 2.2.1 | O período dos estudos de diários | 14 |
| 2.2.2 | O período dos estudos de extensas amostras | 14 |
| 2.2.3 | O período dos estudos longitudinais | 15 |
| 2.3 | As correntes teóricas dos estudos de aquisição da linguagem | 16 |
| 2.4 | Parâmetros de língua | 17 |
| 2.4.1 | Língua de herança | 18 |
| 2.5 | Povos ciganos | 19 |
| 3 | Metodologia | 22 |
| 3.1 | Natureza da pesquisa | 22 |
| 3.2 | Colaboradores da pesquisa | 23 |
| 3.3 | Coleta e análises dos dados | 23 |
| 4 | Análises e Discussões | 27 |
| 4.1 | As observações participantes | 27 |
| 4.2 | As entrevistas | 30 |
| 5 | Conclusão | 36 |

Lista de Abreviações

| | |
|-------------|---|
| IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| LA | Linguística Aplicada |
| GU | Gramática Universal |
| L1 | Língua Primeira |
| L2 | Língua Segunda |
| LE | Língua Estrangeira |
| LA | Língua Adicional |
| LH | Língua de Herança |
| ICB | Instituto de Cultura, Desenvolvimento Social e Territorial do Povo Cigano do Brasil |
| ADD | Análise Dialógica do Discurso |

1 Introdução

A existência dos ciganos é amplamente conhecida, no entanto, apesar de serem uma única etnia, os ciganos encontram-se divididos em três principais grupos étnicos: os Rom, os Calon e os Sinti. Cada um dos três possuem origens distintas, além de características culturais, sociais e tradições próprias. Os dois principais grupos encontrados no Brasil são, primeiramente, o grupo Calon, que tiveram sua origem nos Países Ibéricos (Portugal e Espanha), e não a toa consiste o grupo cigano com a presença mais ostensiva em território brasileiro, isso se deve a migração ocorrida a partir do século XVI, quando os ciganos foram degredados de Portugal para o Brasil (GOLDFARB; TOYANSK; CHIANCA, 2003; TEIXEIRA, 2008). Em seguida, os Rom, grupo originário do Leste Europeu, que possuem suas próprias subdivisões, sendo essas: *rudari*, *ursari*, *matchuaia*, *lovari*, *kalderash* (GOLDFARB; TOYANSK; CHIANCA, 2003), sabe-se que esses chegaram ao Brasil somente a partir do século XIX (TEIXEIRA, 2008). Embora seja sabido da presença desses dois grupos no Brasil, não há dados oficiais, ou confiáveis, sobre o número de ciganos atualmente existentes em território brasileiro, uma vez que sequer o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), responsável pelos censos demográficos oficiais, possui dados dessas populações (MOONEN, 2012a).

Diante desse cenário, a representação que se tem dos ciganos parte, primariamente, do imaginário popular e estão frequentemente atreladas a aspectos como: vestes coloridas, a dança, a leitura de cartas e mãos, o nomadismo e a sua linguagem própria. Sendo as duas últimas foco de estudos mais frequentes. Desses aspectos, o nomadismo recebe atenção especial quando se trata de estudos sobre os povos ciganos, por servir, primordialmente, como fator unificador entre os ciganos (GOLDFARB; TOYANSK; CHIANCA, 2003) e uma estratégia de manutenção da identidade étnica (TEIXEIRA, 2008). Essa estratégia, por sua vez, foi também utilizada para a preservação de suas práticas culturais e das línguas ciganas, uma vez que a Coroa Portuguesa esforçava-se para impedir o uso da língua, sendo isso de responsabilidade das autoridades locais, os ciganos então se mantinham em itinerância compulsória (ANDRADE JÚNIOR, 2013).

No atual cenário, em que boa parcela das populações já se fixaram, e findaram o processo de nomadismo forçado, a língua se mantém como fator identitário primordial, no entanto, assumindo uma nova forma. Este trabalho, portanto, objetiva compreender de que maneira a língua se mantém presente e como se dá o processo de aquisição dessa língua nos dias atuais, visto que não há mais proibições legais de seu uso, diante da problemática de ser uma língua ágrafa, em situação minoritária, com um, possível, uso limitado. Diante da impossibilidade de compreender a aquisição no âmbito geral, isso é, em todas as comunidades e dando conta de todas as especificidades dos povos ciganos, será buscado reunir dados com o propósito de responder o seguinte problema de pesquisa: De que maneira as crianças das comunidades ciganas do Sumaré e Fazenda Joelma, em Sobral-CE, adquirem a língua calon?

Metodologicamente, optou-se por executar uma pesquisa de caráter qualitativo, exploratório e etnográfico. O *corpus* da seguinte pesquisa foi criado a partir de estudos da área da filosofia da linguagem de Bakhtin e o Círculo (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2006), complementando-se a partir de estudos antropológicos sobre os povos ciganos (GOLDFARB; TOYANSK; CHIANCA, 2003; MOONEN, ; SILVA, 2015; SOARES, 2023). Construindo-se diante da inserção da pesquisadora cigana nas comunidades pretendidas de estudo e do diálogo entre pesquisadora e crianças ciganas e adultos ciganos, e não-ciganos, acerca do trajeto percorrido para a aquisição da língua calon nessas comunidades, compreendendo o calon enquanto língua de herança em situação minoritária. Estando ciente da escassez de trabalhos com temáticas linguísticas acerca das linguagens ciganas, principalmente, sobre a língua calon, espera-se que este trabalho possa ter informações o suficiente para poder complementar e, talvez, contribuir as discussões acerca desses povos.

Os dados analisados nesse trabalho apontam para a aquisição do calon enquanto língua de herança em situação minoritária, uma vez que as relações familiares e sociais a ser relatadas, podem demonstrar que essa aquisição ocorra através seguindo os processos da teoria de aquisição sociointeracionista de Vygostky, isso é, a aquisição da língua acontece através das interações entre membros mais velhos da comunidade com a geração mais nova, tendo como motivação de processo o pensamento de língua como um meio de manutenção da cultura e tradição, sendo assim percebido o calon como uma língua de herança.

A partir daqui dividiremos este trabalho em 5 capítulos. No primeiro capítulo, nomeado "Referencial Teórico", veremos o levantamento bibliográfico que fundamenta esta pesquisa. No capítulo subsequente, nomeado "Metodologia", apresentamos a metodologia utilizada para a coleta de dados e seleção de colaboradores. Ademais, no terceiro capítulo, nomeado "Análises e Discussões", apresentaremos as análises e discussões levantadas para a compreensão do fenômeno estudado. E, para finalizar, no capítulo de conclusão exporemos um breve retrospecto do que foi abordado no corpo da pesquisa e os, possíveis, resultados encontrados.

2 Referencial Teórico

2.1 Linguística aplicada

A critério de fundamentação da seguinte pesquisa utilizaremos os conceitos presentes na Linguística Aplicada (LA), no entanto, apenas citar de maneira simplória o seu uso, sem ao menos apresentar uma explanação acerca do que está sendo considerado como LA e seus objetos de estudo, para justificar o embasamento, é, certamente, inconcebível. Desta forma, surge a seguinte tentativa de relatar a cronologia e compreender Linguística Aplicada enquanto ciência. Ainda que essa tarefa seja demasiadamente complexa e que de certo modo deixará resquícios de descontentamento, tal como Rocha e Daher (2015) pontuam em sua fala: "[...] não é tarefa simples e sempre provoca alguma decepção pela impossibilidade de uma 'definição redentora'".

Tendo surgido em um contexto diferente do atual, a Linguística Aplicada concentrou-se, inicialmente, na aplicação de teorias linguísticas para o ensino de línguas e mais adiante para o campo de tradução, como afirmado por Lopes (2009). Ademais, surge o trabalho de Widdowson (1979 apud LOPES, 2009, p. 15) que questionava a vertente aplicacionista da LA, apresentando a necessidade de uma teoria para a LA que não fosse dependente de uma teoria linguística, embora ainda a restringisse à contextos educacionais, e em seguida "os insights de teorias socioculturais, na linha de Vygotsky e Bakhtin, sobre a relevância de entender a linguagem como instrumento de construção do conhecimento e da vida social"(LOPES, 2009, pp. 17-18), dos quais ocasionaram a ideia de uma Linguística Aplicada que concentrava seus estudos nos problemas de uso da linguagem e suas possíveis resoluções, desprendendo-se da limitação dos uso da linguagem em situações de ensino de línguas. Para (CAVALCANTI, 1986, p. 5), a ideia de LA como aplicação de teorias linguísticas se concretizou por meio de duas correntes de pensamento da Linguística, o Estruturalismo e o Gerativismo, porquê:

[...] os próprios linguistas aplicados que alimentam este equacionamento quando rompem com o subjetivismo da gramática tradicional e abraçam o estruturalismo e sua metodologia para a elaboração de material didático. No segundo caso são os linguistas, que deslumbrados com as possibilidades do modelo gerativista, traduzem as regras T em regras de ensino [...].

Em um contexto mais próximo do atual, Almeida Filho (1991) lista alguns quesitos que acredita serem essenciais para a a definição de Linguística Aplicada, citaremos aqui apenas três: problemas ou questões, objetivos ou fins e métodos de pesquisa em LA. Pelo seu texto é possível entender que a LA concentra suas questões-chave em torno de situações de uso de linguagem, no que tange seus objetivos o autor pontua que, de maneira geral, a LA objetiva ser "capaz de explicar e otimizar as relações humanas através do uso de linguagem" e para isso utiliza métodos de pesquisa além do universo da Linguística, tornando-se multidisciplinar, em

um primeiro momento, e contrariando o pensamento inicial de LA como uma área dependente da Linguística. Esse pensamento acerca da multidisciplinaridade da LA é também compartilhado por Lopes (2009):

Essa LA que entendo como "um modo de criar inteligibilidade sobre problemas sociais em que a linguagem tem um papel central"(Moita Lopes, 2006, p. 14) perde o caráter solucionista que acompanhou a LA por muitos anos (LA como uma área que tentava solucionar problemas) devido a uma forte tendência positivista do que muitos chamam hoje de LA modernista (Pennycook, 1998). E abandona definitivamente sua preocupação em se limitar à Linguística como um componente teórico essencial, uma vez que muitas das compreensões mais relevantes sobre a linguagem no mundo atual, devido à chamada "virada linguística", podem vir de outros campos do conhecimento (da Geografia, da Sociologia, da Comunicação, por exemplo) do que propriamente da Linguística (ainda que em um sentido macro). (LOPES, 2009, pp. 19-20)

No atual momento, em que há excessiva parcelização e disciplinarização do saber científico, vide Santos (2018), a Linguística Aplicada se faz presente como uma ciência transdisciplinar, novamente em completa oposição ao pensamento inicial de LA como área subalterna a Linguística Geral e ligeiramente diferente do contexto multidisciplinar, "ligeiramente" porque os conceitos de LA multidisciplinar e transdisciplinar são, em até certo ponto, semelhantes, mas para que se faça possível compreender a diferença entre ambas será necessário usar os conceitos empregados por Almeida Filho (1997) e Piaget (1979).

2.1.1 Multidisciplinaridade x Transdisciplinaridade

Diante disso, Piaget (1979 apud AUGUSTO et al., 2004, p. 280) entende 'multidisciplinaridade' como um uma integração parcial entre disciplinas, visto que esse processo ocorre somente para solucionar um problema, dessa forma emprega-se conceitos e informações de diversas áreas de estudo para chegar a tal resolução, contudo, não há repercussões nesse processo, ou seja, não há de fato uma relação de cooperatividade entre as disciplinas pois elas permanecem imutáveis. Paralelamente, (ALMEIDA FILHO, 1997, p. 11) define como um:

"conjunto disciplinas que simultaneamente tratam de uma dada questão, problema ou assunto (digamos, uma temática t), sem que os profissionais implicados estabeleçam entre si efetivas relações no campo técnico ou científico. É um sistema que funciona através da justaposição de disciplinas em um único nível, estando ausente uma cooperação sistemática entre os diversos campos disciplinares. A coordenação, quando existente, é de ordem administrativa, na maioria das vezes externa ao campo técnico-científico."

Aplicando essas definições para o caso da Linguística Aplicada multidisciplinar, os conceitos das mais diversas áreas de estudo podem ser empregados nos estudos em LA, contudo, tais conceitos permanecem sendo propriedade de suas devidas áreas e não há uma relação de cooperação efetiva entre as ciências envolvidas, sendo assim, pode-se reforçar a suposição da inexistência de metodologias próprias de LA e a rejeição do próprio linguista aplicado enquanto cientista especialista do assunto, uma vez que sua posição se converte à de um mero mediador de conhecimento. Concomitantemente, (ALMEIDA FILHO, 1997, p. 13) entende que 'transdisciplinaridade':

[...] trata-se do efeito de uma integração das disciplinas de um campo particular sobre a base de uma axiomática geral compartilhada. Baseada em um sistema de vários níveis e com objetivos diversificados, sua coordenação é assegurada por referência a uma finalidade comum, com tendência à horizontalização das relações de poder. Implica criação de um campo novo que idealmente desenvolverá uma autonomia teórica e metodológica perante as disciplinas que o compõem. Vasconcelos (1996) assinala que a transdisciplinaridade significa uma radicalização da interdisciplinaridade "com a criação de um campo teórico, operacional ou disciplinar de tipo novo e mais amplo".

2.2 Aquisição da linguagem

Estudiosos das mais diversas áreas do estudo da linguagem empenharam-se em esmiuçar o desenvolvimento da capacidade linguística e comunicativa dos seres humanos, buscando entender o conceito por trás da aquisição da linguagem e como se dá o seu processo, isso é, compreender como ocorre a transição de um indivíduo não-falante a falante de uma língua, como pontuado por Lorandi, Cruz e Scherer (2011).

Tendo os primeiros trabalhos concretos iniciados em meados do século XIX, estudiosos de áreas diversas concentraram seus esforços no estudo da aquisição da linguagem, contudo, apesar de seus trabalhos compartilharem o mesmo objeto de estudo, os mesmos observavam-no sob perspectivas diferentes e desconexas entre si, fenômeno esse que foi historicizado por (INGRAM, 1989, p. 1):

The study of children's language acquisition is a field that comprises a large body of literature, dating back well over one hundred years. To make sense of these works, however, is no easy task. One reason for this is that the topic is one without a discipline. [...] Instead, we have language acquisition subfields of other areas such as linguistics, psychology, education, and communication disorders. As may be expected, these disciplines approach the topic from very different perspectives.

The result has been a handful of general texts from the view of one or another of these disciplines, often to the virtual exclusion of others. ¹

Desde então, as pesquisas da área desenvolveram e seguiram diferentes modelos teórico-metodológicos, Ingram (1989) divide os estudos de aquisição da linguagem em três grandes períodos marcados pelo método de pesquisa dominante na época, sendo eles:

- O período dos estudos de diários (1876-1926);
- O período dos estudos de grandes amostras (1926-1957);
- O período dos estudos longitudinais (1957-presente).

2.2.1 O período dos estudos de diários

Durante o período do estudo dos diários, pretendia-se registrar as falas espontâneas das crianças, no entanto, o diário era utilizado por pais linguistas ou psicólogos, sendo assim, as observações de cada estudo variavam entre dados acerca da linguagem e outros processos do desenvolvimento infantil. Ingram (1989) evidencia ainda os pontos fortes e fracos desse método de estudo. Concentrados na posição do parente observador, para o autor, o observador conheceria bem a criança, logo, os comportamentos de desenvolvimento observados poderiam ser diferenciados de comportamentos particulares da criança. Entretanto, a falta de orientação teórica causaria o desconhecimento dos comportamentos a serem registrados, além da possibilidade dos diários tornarem-se tendenciosos, já que o parente observador apenas registraria o que propriamente entenderia como um desenvolvimento relevante, enquanto outros comportamentos igualmente importantes passariam despercebidos. Apesar das críticas, o autor considera que os diários daquele período forneceram um banco de dados de fundamental para o campo de estudo, com alguns dos relatórios mais detalhados sobre aquisição da linguagem.

2.2.2 O período dos estudos de extensas amostras

Por volta da segunda metade do século XX, surge um novo método de pesquisa nos estudos da aquisição da linguagem, conhecido como o estudo de extensas amostras. Esse novo método foi fundamentado pela teoria behaviorista da psicologia. Bem como afirmado por (LORANDI;

¹O estudo da aquisição da linguagem de crianças é um campo que engloba um grande corpo de literatura, reunido em mais de cem anos. Dar sentido a essas obras, no entanto, não é tarefa fácil. Uma razão para isso é o não pertencimento do tópico a uma disciplina. [...] Em vez disso, temos subcampos de aquisição de linguagem em outras áreas, como linguística, psicologia, educação e distúrbios da comunicação. Como é de se esperar, essas disciplinas abordam o tema a partir de perspectivas muito diferentes. O resultado tem sido um punhado de textos gerais do ponto de vista de uma ou outra dessas disciplinas, que geralmente exclui as demais.(INGRAM, 1989, p. 1, tradução nossa)

CRUZ; SCHERER, 2011, p. 145), “para os behavioristas, inspirados em fundamentos empiristas, apenas o que é observável pode ser descrito e/ou estudado”. Nesse método, semelhante ao período dos estudos de diários, dava-se ênfase a descrição de comportamentos e não as suas explicações, entretanto a forma utilizada pelo behaviorismo se distinguia das observações feitas em diários, isso se deve a mudança na perspectiva do papel da criança na aprendizagem da língua e a medição do comportamento observável. Como pontuado no texto de (INGRAM, 1989, p. 12):

Behaviorists wanted to develop a theory of learning where the child’s changes in behavior were traced back to, or explained by, observable conditions of the child’s environment. The emphasis was on observable events in the interaction of the child and its surrounding linguistic community. Within this view, the child is seen as passively controlled by the environment; this is in contrast to the belief of the earlier diarists that the active spontaneous behavior of the child is central. ²

Para Lorandi, Cruz e Scherer (2011, p. 146), esse método de estudo ainda não abrangia o processo da aquisição da linguagem “de forma a analisar, interpretar e explicar esse fenômeno não só pelo que é observável na fala, mas pelo mecanismo que subjaz a esse processo”, assim sendo, ainda havia a carência de um método que fosse capaz de elencar o embasamento teórico necessário para as pesquisas que não abrisse mão do acompanhamento da aquisição da linguagem.

2.2.3 O período dos estudos longitudinais

Ademais, surge o terceiro método de pesquisa e coleta de dados, os estudos longitudinais. Nesse método, as crianças participantes da pesquisa são selecionadas ao atenderem critérios de elegibilidade previamente definidos, após selecionadas, as crianças seriam acompanhadas em intervalos predeterminados, por um período de tempo mais longo, com o objetivo de coletar amostras de linguagem significativas. Por meio desse processo de coleta seria possível acompanhar o trajeto que a criança percorre até atingir seu objetivo, isso é, a aquisição da língua. Segundo (INGRAM, 1989, p. 21):

The longitudinal language samples differ from the diary studies in that the subjects are usually not the offspring of the investigators. Instead, they are children who are selected specifically because they meet predetermined criteria; for example, they

²Os behavioristas pretendiam desenvolver uma teoria da aprendizagem em que as mudanças de comportamento da criança fossem detectadas ou explicadas por fatores observáveis do ambiente. A ênfase estava em eventos observáveis na interação entre a criança e sua comunidade linguística circundante. Nessa visão, a criança é controlada passivamente pelo ambiente; isso contrasta com a crença dos primeiros diaristas de que o comportamento ativo espontâneo da criança é central. (INGRAM, 1989, p. 12, tradução nossa)

are usually on the verge of beginning multiword utterances and are talkative. Also, more than one child is studied; in three of the four studies above, three children were selected. This number is used as an absolute minimum necessary to determine general features of acquisition: if one is chosen, we do not know if the child is typical or not; if two, we do not know which of the two is typical and which is unusual; with three, we at least have a majority that can be used to make such a decision. ³

O autor estipula também que os estudos longitudinais podem ser considerados como a junção dos dois métodos de pesquisa supracitados, visto que os estudos de diários são, também, longitudinais, uma vez que suas pesquisas prolongavam-se por um período de tempo predeterminado, embora os dados coletados fossem anotações em vez de amostras de linguagem. Paralelamente, os estudos de extensas amostras alcançaram o objetivo de coletar amostras de linguagem, contudo não constituíam tempo de coleta suficiente para denominarem-se longitudinais.

2.3 As correntes teóricas dos estudos de aquisição da linguagem

Para além dos métodos de pesquisa nos estudos da aquisição da linguagem, há ainda teorias de aprendizagem que embasam pesquisas que buscam explicar o processo de aquisição da linguagem. Composta por duas principais correntes teóricas, Empirismo e Racionalismo, e suas respectivas teorias e abordagens: Behaviorismo e Conexionismo, Inatismo, Construtivismo e Sociointeracionismo. De maneira geral, cada uma dessas se fundamenta mediante aspectos diversos, algumas se utilizam da neurociência, enquanto outras dão preferência a psicologia. Para representar esse contraste, usaremos como exemplo apenas duas das teorias e abordagens supracitadas.

A começar por uma das teorias de viés empirista, Quadros e Finger (2008) definem que a perspectiva behaviorista acerca da aquisição da linguagem determina o grau de sucesso da aquisição de uma criança a partir da convivência dela com falantes da língua-alvo, da qualidade e quantidade de *inputs* que a criança recebe, além da consistência de reforços oferecidos a ela pelas outras pessoas em seu meio, isso é, a criança necessita de estímulos para a imitação de sons e padrões, da prática assistida com reforços negativos e positivos e da formação de hábitos para adquirir a língua.

³As amostras longitudinais de linguagem diferem dos estudos diários uma vez que os sujeitos geralmente não descendem dos investigadores. Em vez disso, são crianças selecionadas especificamente uma vez que atendam a critérios predeterminados; por exemplo, eles geralmente estão prestes a iniciar elocuições com várias palavras e são comunicativas. Além disso, mais de uma criança é estudada; em três dos quatro estudos acima, três crianças foram selecionadas. Este número é utilizado como um mínimo absoluto necessário para determinar características gerais de aquisição: se for escolhido um, não sabemos se a criança é típica ou não; se dois, não sabemos qual dos dois é típico e qual é incomum; com três, pelo menos temos uma maioria que pode ser usada para tomar tal decisão. (INGRAM, 1989, p. 21, tradução nossa)

Enquanto isso, partindo para o viés racionalista, Quadros e Finger (2008) explica a ótica da abordagem inatista, que pressupõe a existência de um mecanismo inato responsável pela aquisição da linguagem no cérebro da criança, denominado de Gramática Universal (GU), dessa forma, a interação entre fatores ambientais e biológicos explica o uso que a criança faz da linguagem, tanto com relação à sua compreensão, como com a sua produção da linguagem, ou seja, uma criança adquire a linguagem sem nenhum tipo de esforço ou instrução explícita, visto que as habilidades necessárias para adquirir uma língua já faz parte da natureza humana, tendo sido biologicamente determinada.

2.4 Parâmetros de língua

A medida em que o ser humano e suas linguagens foram se desenvolvendo, a língua tornou-se a maior ferramenta de comunicação existente e sem ela é possível que sociedades inteiras ruíssem. O mito bíblico da Torre de Babel, presente no livro do Gênesis da bíblia cristã, é um exemplo adequado para representar esse fenômeno. O mito conta a história de pessoas, descendentes de um mesmo indivíduo, sendo assim, faziam parte do mesmo grupo étnico, que buscaram construir uma torre alta o suficiente para alcançar Deus. Ele, por sua vez, decidiu punilos por sua empreitada e para isso fez com que as pessoas começassem a falar línguas diferentes, assim, não conseguiriam se comunicar e seriam incapazes de concluir seu plano, ainda de acordo com o mito, após a impossibilidade de comunicação, os humanos se dispersaram por toda a Terra.

A importância da língua para os humanos não se detém apenas à comunicação verbal, a língua torna-se uma necessidade a partir do momento em que se compreende a magnitude de sua influência na construção do próprio indivíduo, tal como pontuado por (COELHO; MESQUITA, 2013, pp. 25-26):

A língua envolve todas as ações e pensamentos humanos e possibilita ao indivíduo exercer influências ou ser influenciado pelo outro, desempenhar seu papel social na sociedade, relacionar-se com os demais, participar na construção de conhecimentos e da cultura, enfim, permite-lhe se constituir como ser social, político e ideológico.

Apesar de exercer influência na identidade de um indivíduo, a própria língua sofre influência das condições da realidade na qual se insere, segundo (PETTER, 2002, p. 13):

Assim como não há sociedade sem linguagem, não há sociedade sem comunicação. Tudo o que se produz como linguagem ocorre em sociedade, para ser comunicado, e, como tal, constitui uma realidade material que se relaciona com o que lhe é exterior, com o que existe independentemente da linguagem. Como realidade material — organização de sons, palavras, frases — a linguagem é relativamente autônoma;

como expressão de emoções, ideias, propósitos, no entanto, ela é orientada pela visão de mundo, pelas injunções da realidade social, histórica e cultural de seu falante.

Ainda que língua seja algo básico para seres humanos, sua conceitualização corre na direção contrária. Visto que, para chegar a uma definição exata de língua faz-se necessário utilizar diferentes abordagens teóricas, o que torna "língua" um tema ainda mais complexo. Inicialmente, Saussure (1970 apud SOUTO; ALÉM; GONZALES, 2014, p. 891) apresenta língua como um "um conjunto de conversões necessárias, adotadas pelo corpo social, para permitir o exercício da linguagem". Para além disso, existem também diversas categorias de língua com conceitos próprios, dentre essas categorias existente estão: língua primeira (L1), segunda (L2), estrangeira (LE), adicional (LA), de herança (LH), entre outras.

2.4.1 Língua de herança

Para falar sobre essa temática é necessário concentrar esforços, primeiramente, em conceitualizar o que, de fato, é língua de herança (LH) e o que estabelece uma língua como sendo de herança. Aos olhos de indivíduos não-especializados no assunto, a concepção parece simples, no entanto, decidir uma definição plena para Língua de Herança torna-se um processo demasiadamente complexo em decorrência da abundância de possibilidades disponíveis, uma vez que o termo pode se referir a múltiplas situações linguísticas heterogêneas, além de alguns autores optarem por utilizar termos distintos, como por exemplo: "*community language*" (BAKER; JONES; CORSON; WILEY; WILEY, 1998, 1998, 2001, 2005 apud KELLEHER, 2010, p. 1) e "*home language*" (YEUNG; MARSH; SULIMAN, 2000 apud KELLEHER, 2010, p. 1).

No livro *The Acquisition of Heritage Languages* de Montrul (2016), a autora se propõe, não somente, a analisar o desenvolvimento das línguas de herança, mas também fazer um apanhado das pesquisas sobre a temática nas duas últimas décadas. Iniciando seu trabalho seguindo o questionamento primordial, "o que é língua de herança?", e a partir disso dando início a tentativas de defini-la, recorrendo, a princípio, ao método mais simples para determinar o sentido da palavra "herança". Utilizando o *American Heritage College Dictionary*, a autora determina o significado da palavra como "*something acquired from birth, a property that can be inherited, or something passed down from a preceding generation*"⁴ (MONTRUL, 2016, p.13). No entanto, a própria desconsidera essa definição, pois se entendida como LH as línguas humanas adquiridas e difundidas por gerações, toda e qualquer língua transmitida dessa maneira estaria classificada como língua de herança, assim, concluiu-se que o conceito de Língua de Herança não é definitivo e irrefutável, uma vez que para ao menos se pensar em uma definição, essa

⁴Algo adquirido no nascimento, uma propriedade que pode ser herdada ou algo transmitido pela geração anterior (MONTRUL, 2016, p. 13, tradução nossa)

deveria estar sujeita aos contextos sociopolíticos aos quais as línguas estão inseridas, além das relações entre línguas majoritárias e minoritárias.

Assim como Montrul, Joshua Fishman, estudioso da sociologia da linguagem, planejamento linguístico e educação bilíngue, já havia delimitado suas noções de Língua de Herança. Em seu trabalho *Three hundred-plus years of heritage language education in the United States*, Fishman (2014) elegeu três categorias diferentes, cada uma possuindo características distintas, de LH encontradas nos Estados Unidos, sendo elas: línguas de herança coloniais, imigrantes e indígenas. Na categoria de língua de herança colonial, o autor catalogou as línguas de vários grupos europeus presentes durante o processo de colonização do território estadunidense, citando como exemplo o alemão, sueco e finlandês. Semelhante ao conceito de LHs coloniais, constituem-se LHs imigrantes as línguas faladas por imigrantes que chegaram aos Estados Unidos após a independência do país, como por exemplo o espanhol (FISHMAN, 2014 apud KELLEHER, 2010, p. 2). O autor define também que dentre as LHs indígenas incluem-se as línguas presentes antes do processo de invasão do território atualmente nomeado de Estados Unidos, como é o caso das línguas ameríndias.

Trazendo para o contexto nacional, encontramos o livro "Língua de Herança: Língua Brasileira de Sinais" de Ronice Müller de Quadros. Nessa obra, a autora assimila os conceitos antes apontados por Montrul (2016) e Fishman (2014) ao afirmar que língua de herança é uma língua utilizada por comunidades étnicas e/ou de imigrantes inseridas em um contexto no qual outra língua é utilizada de forma majoritária, sendo assim, a LH é comumente atrelada a língua familiar e usada somente em contextos específicos. Quadros (2017) pontua também que herança trata-se da transmissão de bens culturais e materiais entre gerações, dessa forma, a língua de herança se inclui como um patrimônio cultural.

2.5 Povos ciganos

A origem dos ciganos é incerta e, até o momento, não há uma comprovação científica aceita de maneira abrangente, no entanto, as hipóteses mais aceitas atrelam sua origem à Índia e Egito. Em seu livro "Os ciganos no Brasil: contribuição etnográfica", Moraes Filho (1886) fundamentou suas hipóteses por meio de fatores históricos e linguísticos, para atribuir os ciganos ao Egito, o autor utilizou da decomposição da palavra *romitschel*, vide que:

[...] essas tribos dão a si mesmas nome de *Romitschel*, palavra composta do *cophta*, segundo a interpretação de Constancio, e que pela decomposição do *romi* ou *rom*, que significa homem, e *chal*, Egito, forma - homem do Egito. (MORAES FILHO, 1886, p. 14)

Já para atribuí-los a Índia o autor cita que "Os sábios modernos, Grellmann, Groffunder, Ma-

reden e Hoyland, pretendem que sejam parias da Índia, expulsos por Tamerland em 1398 das margens do Ganges e, como só em 1417 apareceram na Europa [...]”. Segundo Pereira (2011), a característica mais influente para atribuir os ciganos à Índia se encontra em estudos etnolinguísticos do século XVIII que comprovaram semelhanças entre a língua romani e o sânscrito, língua da Índia Antiga.

Apesar de compartilharem a mesma origem étnica, os povos ciganos se dividem em grupos e subgrupos, cada um com características próprias. Segundo Goldfarb, Toyansk e Chianca (2003), é possível classificar quatro grupos principais: rom, sinti, romanichal e calon, dos quais dois estão presentes em território brasileiro de maneira predominante, sendo eles os povos: calon e rom (PEREIRA, 2011, p. 36). A partir da divisão geográfica dos grupos, surgem questões de distinção cultural e identitária entre povos ciganos, uma vez que “os ciganos são influenciados pelos contextos históricos e culturais resultantes das formações políticas, sociais e econômicas dos países onde vivem e das atitudes das sociedades com relação a eles.”(GOLDFARB; TOYANSK; CHIANCA, 2003, p. 15).

No Brasil, os documentos históricos que se têm sobre povos ciganos são raros e, fatalmente, não foram escritos pelos próprios, dessa maneira as informações obtidas através deles estão contaminadas por esteriótipos e preconceitos, bem como pontua (TEIXEIRA, 2008, p. 5)

A documentação sobre ciganos é escassa e dispersa. Sendo ágrafos, os ciganos não deixaram registros escritos. Assim, raramente aparecendo nos documentos, aproximamo-nos deles indiretamente, através de mediadores, chefes de polícia, clérigos e viajantes, por exemplo. Nestes testemunhos, a informação sobre os ciganos é dada por intermédio de um olhar hostil, constrangedor e estrangeiro.

No que tange as escritas científicas, percebe-se que ainda há uma escassez de produções acerca dos povos ciganos, principalmente quando se compara o acervo disponível e a facilidade de acesso a trabalhos relativos aos povos ciganos e demais etnias. É fato que existem estudiosos compromissados com a “ciganologia”, os denominados “ciganólogos”, termos encontrados no trabalho de Moonen (2012b), o próprio autor lista alguns nomes em sua obra.

Estudos referentes a linguagem podem ser ainda mais escassos devido as múltiplas possibilidades de línguas faladas por ciganos, com cada um dos grupos étnicos supracitados possuindo línguas específicas, além da existência de variações regionais para cada uma delas. Até o presente momento, classificam-se três principais línguas ciganas atreladas a grupos específicos, dessa forma, a língua romani está para os Rom, assim como a sintó para os Sinti e o caló para os Calon (LIMA; FIGUEIREDO, 2022; TEIXEIRA, 2008). Soma-se a isso a dificuldade de encontrar falantes que queiram contribuir para a pesquisa, citando como exemplo a língua caló, língua ágrafa que se transmite apenas através da oralidade, não há outra possibilidade de estudo senão com a participação dos ciganos falantes da língua. Essa dificuldade surge diante da

aversão dos ciganos a ideia de ensinar suas tradições, incluindo suas línguas, aos não-ciganos, Aristich (1995 apud MOONEN, 2012b) confirma que essa aversão é oriunda da proibição de ensinar sua cultura para não-ciganos, já que "É inadmissível que um não-cigano venha a conhecer mais as nossas tradições, hábitos e costumes do que nós mesmos"(ARISTICHTH, 1995 apud MOONEN, 2012b, p. 5).

Além disso, há o pensamento de uma falta de utilidade prática desses estudos para os povos ciganos, uma vez que os pesquisadores são, em sua maioria, não-ciganos e os resultados de suas pesquisas quase sempre não alcançam seus colaboradores. Questão levantada por (MOONEN, 2012b, p. 1):

Uma das perguntas que os ciganos então sempre fazem é: "Para quê serve isto?" "O que a gente vai lucrar com esta pesquisa?". E a resposta quase sempre será uma mentira. Porque é chato dizer a verdade: "Bem, para vocês ciganos, não vai servir para absolutamente nada, mas para mim vai servir para ganhar uma bolsa de pesquisa, para obter um diploma universitário e depois um bom emprego".

3 Metodologia

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo, exploratório e etnográfico, dando ênfase ao processo de aquisição da língua calon, enquanto língua de herança em situação minoritária, por crianças pertencentes a comunidades ciganas de Sobral-CE. Para a coleta e análise de dados fez-se uso de observação participante e entrevistas semi-estruturadas.

Diante disso, o presente capítulo se dividirá em três seções que cuidarão em esmiuçar os métodos de pesquisas utilizados, apresentar os colaboradores e os procedimentos de coleta e análise dos dados, respectivamente.

3.1 Natureza da pesquisa

Diante do questionamento de como se dá o processo de aquisição da linguagem calon enquanto língua de herança em situação minoritária, concorda-se com a adoção do formato de pesquisa qualitativa, seguindo a concepção de pesquisa de (MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2011, pp. 21-22):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Aliado a isso, temos o viés etnográfico da pesquisa. Segundo (GODOY, 1995), pesquisas etnográficas abarcam a descrição dos eventos presentes na realidade de um grupo, em especial as estruturas sociais e o comportamento dos indivíduos enquanto membros desse grupo, e o significado dos eventos observados para a cultura, ou as culturas, desse grupo. Ademais, os dados relevantes para a pesquisa advêm de diversas fontes além das observações de eventos, como por exemplo:

[...] a forma e o conteúdo das interações verbais entre os membros do grupo estudado, a forma e o conteúdo das interações verbais dos participantes com o pesquisador, comportamentos não-verbais, padrões de ação e não-ação, desenhos, gravações, artefatos e documentos.(GODOY, 1995, p. 29)

3.2 Colaboradores da pesquisa

A fim de traçar um panorama acerca do processo de aquisição da língua caló, essa pesquisa prevê a participação de dez crianças ciganas e dez adultos, ciganos e não-ciganos. Os parâmetros para a seleção dos participantes foram previamente definidos, seguindo o padrão dos 'estudos longitudinais' de Ingram (1989), definidos no capítulo 2 deste trabalho.

Dessa maneira, as crianças colaboradoras da pesquisa foram escolhidas a partir de critérios pré-definidos, sendo esses: ter entre 7 à 13 anos de idade, pertencer a etnia cigana calon, residir no bairro Sumaré ou na Fazenda Joelma, ambas comunidades ciganas localizadas em Sobral-CE, e ser falante de português. Aos adultos, os requisitos definidos foram: ser membro da família de, pelo menos, uma das crianças selecionadas, residir em alguma das comunidades anteriormente citadas e ser falante de português.

Vale aqui ressaltar que a escolha do cenário para pesquisa não foi ao acaso. As comunidades escolhidas, Sumaré e Fazenda Joelma, acomodam parte da população cigana de Sobral-CE. No caso do bairro Sumaré, a escolha justifica-se a partir do trabalho de (CARLOS, 2022), em sua tese de doutorado, a autora apresenta o bairro como "Bairro dos Ciganos", apelido atribuído devido a concentração histórica de ciganos na região, no momento de sua pesquisa a autora contabilizou, no total, 77 famílias ciganas residentes no bairro. No que se trata da escolha da Fazenda Joelma, justificamos apenas o conhecimento comum de famílias ciganas e membros do ICB⁵ que ali residem, famílias essas que, anteriormente, residiam no bairro Sumaré.⁶

Ressaltamos que os colaboradores não serão identificados por seus nomes, em vez disso, denominaremos cada colaborador sera identificado por uma letra e um número. A letra "c" representará uma criança, enquanto a letra "a" ficará a par de representar os adultos, os números de cada participante será elencado em uma escala de 1 a 10, de acordo com a ordem das entrevistas. Por exemplo, "C1" simboliza a primeira criança entrevistada, enquanto "A1" equivale ao primeiro adulto entrevistado.

3.3 Coleta e análises dos dados

A presente pesquisa considerará, além dos dados linguísticos, a estrutura social, os comportamentos, crenças, tradições e qualquer outro aspecto que possa influenciar sua visão perante a realidade, nesse caso, perante a aquisição da linguagem. Dessa maneira, a observação participante torna-se o procedimento de coleta de dados mais adequado, além de entrevistas semi-estruturadas para a comparação entre as respostas obtidas e as situações observadas. Utiliza-se aqui como parâmetro de 'observação participante' o conceito de (SCHWARTZ; SCHWARTZ,

⁵"Instituto de Cultura, Desenvolvimento Social e Territorial do Povo Cigano do Brasil - ICB, fundado em 2018 no Estado do Ceará."(SOARES, 2023)

⁶Informação obtida durante uma conversa informal com o presidente do ICB.

1955 apud MINAYO, 2007, p.):

Definimos observação participante como um processo pelo qual mantém-se a presença do observador numa situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador está em relação face a face com os observados e, ao participar da vida deles, no seu cenário cultural, colhe dados. Assim o observador é parte do contexto sob observação, ao mesmo tempo modificando e sendo modificado por este contexto.

No que tange as entrevistas, criamos um roteiro geral (Figura 2), que engloba tópicos-chave sobre frequência e motivações de uso e crenças sobre a língua calon. Apesar de definirmos um roteiro, ainda deixamos margem para tópicos que possam vir a ser acrescentados e/ou desenvolvidos no decorrer das entrevistas, a depender da comunicabilidade de cada colaborador. A elaboração do roteiro, essa seguiu os conceitos de (MINAYO; COSTA, 2018):

[...] entrevista semiestruturada, que combina um roteiro com questões previamente formuladas e outras abertas, permitindo ao entrevistador um controle maior sobre o que pretende saber sobre o campo e, ao mesmo tempo, dar espaço a uma reflexão livre e espontânea do entrevistado sobre os tópicos assinalados.

Figura 1: Roteiro utilizado para as entrevistas

1. Você fala a língua calon? Se não, conhece alguém que fale?
2. De que maneira você aprendeu a língua?
3. Por que se deve aprender/ensinar calon?
4. Com que frequência você usa a língua calon para se comunicar? Caso não use, com que frequência você vê pessoas se comunicando em calon?
5. Em que situações e com quem você se comunica em calon? Caso não fale a língua, em que situações você presencia o uso do calon e quem são os falantes?

Fonte: Elaborado pela autora.

A partir dos dados coletados mediante a observação participante e as entrevistas, o procedimento de análise procederá baseando-se na produção epistemológica do Círculo de Bakhtin. Decidiu-se que a maneira mais adequada para tal seria utilizar a análise dialógica do discurso (ADD). Essa escolha justifica-se mediante a fala de (ROHLING, 2014, pp. 48-49):

oteca que nunca mais se repete. Os ciganos de um modo geral são ágrafos e por isso muito se depende da sabedoria dos mais velhos, pois eles são a nossa biblioteca, a "CPU" de nosso Povo. São eles que nos trazem as informações mais antigas às quais nos incumbimos de transmitir às gerações futuras. (GOLDFARB; TOYANSK; CHIANCA, 2003, p. 216)

A partir disso, retomo as análises dando enfoque a língua calon, ressalto aqui que quatro semanas é um tempo demasiadamente curto para fazer afirmações aprofundadas. Durante o tempo da pesquisa em que fiquei em contato direto com as famílias, a língua calon não foi amplamente utilizada, isso, no entanto, não significa que a língua está em desuso. Nessas quatro semanas, pude presenciar os mais velhos utilizando certas expressões em calon de forma espontânea, entretanto, se tratando dos mais novos, esse uso acontecia apenas situações específicas, quando essas eram estimuladas a tal, isso é, quando seus pais, tios, ou avós as incitavam a fazer uso da língua.

Ainda durante as observações, fiquei ciente que as crianças colaboradoras da pesquisa residentes do bairro Sumaré tinham acesso a aulas de calon, das quais essas diziam gostar bastante. A professora responsável pelo ensino era uma das figuras de maior importância na comunidade, não somente por sua posição de matriarca na família, mas por ser falante fluente da língua. Durante a execução da pesquisa, tive a felicidade de conseguir presenciar uma dessas aulas, o método de ensino utilizado aqui é o audiolingual ⁷, um dos mais aplicados para o ensino de línguas estrangeiras no Brasil, não tenho aqui como afirmar que a escolha desse método sido baseada por aspectos pedagógicos, afirmo apenas que é o que está em vigor.

O procedimento padrão durante as aulas, assim como se espera do método de ensino aplicado, é que as crianças sejam apresentadas a expressões na língua calon e sua equivalência em português, uma vez que isso acontece, as crianças então repetem as expressões e são, ou não, corrigidas. Nessa aula, também, pude perceber que as crianças, de certo modo, demonstram interesse pela língua, visto que a professora apenas os convoca a estarem presentes, cabe a eles participarem ou não. Algumas crianças, inclusive, transformam esse momento de aprendizagem em momentos de descontração utilizando da gamificação⁸, isso é, iniciam uma espécie de competição, como um *quizz*, para decidir quem "sabe mais", percebo que essa estratégia faz com que a aprendizagem se torne mais atrativa e motivante para eles.

⁷"Na abordagem audiolingual os alunos devem aprender a língua alvo como aprenderam seu idioma materno. Eles devem primeiro ouvir, depois, repetir, as expressões aprendidas são usadas em situações de conversação [...]"(POLIDÓRIO, 2014, p. 344)

⁸"Originada como método aplicado em programas de marketing e aplicações para web, com a finalidade de motivar, engajar e fidelizar clientes e usuários (ZICHERMANN e CUNNINGHAM, 2012), a gamificação pressupõe a utilização de elementos tradicionalmente encontrados nos games, como narrativa, sistema de feedback, sistema de recompensas, conflito, cooperação, competição, objetivos e regras claras, níveis, tentativa e erro, diversão, interação, interatividade, entre outros, em outras atividades que não são diretamente associadas aos games, com a finalidade de tentar obter o mesmo grau de envolvimento e motivação que normalmente encontramos nos jogadores quando em interação com bons games."(FARDO, 2013)

Na pesquisa dialógica, em todo momento, o pesquisador trava um diálogo entre essas duas facetas da responsabilidade, pois faz parte da posição de pesquisador objetificar os dados, conferindo-lhes sentidos validados no campo epistemológico (responsabilidade especial). Por outro lado, o pesquisador se coloca em um lugar ético-responsivo no ato de se fazer pesquisa, um lugar de não-álibi em que ele não pode não dizer/calar e, ao mesmo tempo, não pode fragilizar o campo e desqualificar ou silenciar os sujeitos implicados na pesquisa (responsabilidade moral). A partir dessa compreensão, busca-se produzir uma análise (ou um modo de olhar) situada, que possa ressignificar, de algum modo, as realidades observadas.

Rohling (2014, p. 50) cita alguns parâmetros a serem levados em consideração durante uma ADD, contudo, a autora ressalta que esses devem ser considerados como norteadores e não exigências a serem cumpridas. Os parâmetros são:

- O estudo da esfera de atividade humana, em que se dão as interações discursivas em foco;
- A descrição dos papéis assumidos pelos participantes da interação discursiva, analisando as relações simétricas/assimétricas entre os interlocutores na produção de discurso;
- O estudo do cronotopo (o espaço-tempo discursivo) dos enunciados;
- O estudo do horizonte temático-valorativo dos enunciados;
- A análise das relações dialógicas que apontam para a presença de assimilação de discursos já-ditos e discursos prefigurados, discursos bivocais, apagamentos de sentidos, contraposições, enquadramentos, reenunciação de discursos e reacentuações de discursos

Dito isso, considerando que a presente pesquisa se preocupa em compreender de que maneira a língua calon se mantém nas comunidades ciganas, mesmo após anos de influências externas, e em que medida ela vem sendo utilizada como marcador identitário para os ciganos, utilizaremos a ADD, seguindo os parâmetros apresentados acima, na tentativa de analisar os aspectos supracitados sem que haja prejuízo às questões etnográficas da comunidade cigana em questão. Tal como pontuado por (ROHLING, 2014, p. 49):

Assim, na pesquisa de cunho dialógico há sim análise das marcas linguísticas. Contudo trata-se de um olhar para a língua vista na condição de discurso; trata-se de uma análise da linguagem em uso, do funcionamento discursivo em dada situação de interação discursiva. Tal estudo caracteriza-se por uma análise semântica que leva em conta as relações extralinguísticas, históricas e concretas, que se materializam nos enunciados, com vistas a

construir compreensões sobre os sentidos promovidos no bojo das relações dialógicas.

4 Análises e Discussões

Neste capítulo do trabalho, apresentaremos as análises realizadas mediante a observação participante e entrevistas. Aqui, nosso olhar estará direcionado para a dinâmica entre a comunidade cigana e os procedimentos utilizados para aquisição língua estudada, diante disso levantaremos as discussões da pesquisa.

No decorrer do capítulo, citaremos apenas as informações importantes para as discussões a serem levantadas, isso é, não haverá um relato em íntegra do que ocorreu durante as quatro semanas de pesquisa. Isso se deve ao fato de, em determinados momentos, as situações observadas não possuírem valor analítico à essa pesquisa, uma vez que sejam situações atípicas, que não condizem com o contexto da comunidade, embora algumas dessas situações possam vir a ser pontuadas.

Antes de iniciarmos as análises e discussões, devemos explicitar um certo nível de privilégio deste estudo diante de outras pesquisas que se propuseram, também, estudar comunidades ciganas, visto que a pesquisadora teve o auxílio de uma instituição cigana para a realização do mesmo. Soma-se a isso também um outro fator determinante para a facilitação do contato com as famílias ciganas, que é o pertencimento da pesquisadora à um dos grupos da etnia cigana (Rom).

Dito isso, começarei aqui a narrar em primeira pessoa, uma vez que me encontro, simultaneamente, no papel de pesquisadora e membro da comunidade estudada.

4.1 As observações participantes

Cronologicamente, a pesquisa em campo teve início em 28 de fevereiro de 2023 e se findou em 24 de março do mesmo ano, data da minha chegada e saída de Sobral-CE, respectivamente. O primeiro momento da pesquisa se deu a partir do diálogo com as lideranças da comunidade para a seleção das famílias que viriam a participar do estudo. Em alguns casos, o simples fato de chegar até as famílias acompanhada pelas lideranças da comunidade já me garantiram acesso a família e a sua participação na pesquisa sem contestações, já em outros, havia certa desconfiança e até estranheza pela escolha do tema da pesquisa (aquisição da língua calon), mesmo com a presença e apoio das lideranças.

Com relação ao caso supracitado, geralmente, a primeira pergunta direcionada a mim seria "Pra que é essa pesquisa?", embora quase sempre os mesmos já tivessem ideias pré-concebidas. Uma delas de que a pesquisa serviria para dizer se determinada família falava ou não a língua, enquanto outros se preocupavam com a possibilidade do estudo servir para divulgar ou ensinar a língua calon para os não-ciganos.

Utilizando dos conceitos de Weber; Barth; Sahlins (1991, 1998, 1997 apud SILVA, 2015), a identidade de povos ciganos vive em constante reafirmação, (re)construindo-se a partir de "práticas e/ou maneiras de pensar" evocadas perante um desejo conjunto de se diferenciar dos não-ciganos. Desse modo, essa diferenciação entre ciganos e não-ciganos passa a ser definida por "produtos de relações internas" e não a partir de aspectos puramente histórico-culturais, isso é, "Ser cigano", portanto, não significa apenas compartilhar uma história e/ou cultura comuns, mas ter práticas ciganas, viver como cigano" (SILVA, 2015, p. 16).

Para (SHIMURA, 2017, p. 54), essa identificação cigana surge a partir de "elementos culturais, materiais e imateriais, que configuram o grupo: os rituais de casamento, as poesias, a música, as vestimentas, os códigos de conduta, uso do idioma étnico etc.", a partir disso, (SOARES, 2023, p. 8) evidencia que "as representações identitárias e culturais acionadas são utilizadas para legitimar o pertencimento étnico [...] essas mesmas representações são utilizadas para deslegitimar", como demonstrado na pesquisa de (GOLDFARB, 2013 apud SHIMURA, 2017, p. 56) "a língua é um critério de avaliação que distingue ciganos falsos de ciganos verdadeiros. 'Para eles quem não fala o mesmo idioma não pode ser 'verdadeiro cigano' sendo chamados de 'cigano gringo' ou 'cigano falso'". Dessa forma, as inquietações das famílias com a pesquisa podem ter sido motivadas diante dessa noção de identidade cigana, isso é, dado que a língua assume papel fundamental na demarcação de pertencimento a essa identidade, àqueles que não cumprissem esse "requisito", estariam fora das fronteiras ciganas. Em decorrência disso, a pesquisa dispôs de nove crianças e nove adultos, diferindo da quantidade de colaboradores pretendida inicialmente.

Com essas questões superadas, pude partir para a parte prática da pesquisa, ou seja, dei início a observação participante e, ao final dos momentos com as famílias, as entrevistas. Primeiramente, para que pudesse firmar minha presença nas casas dos colaboradores, de modo que não me tornasse apenas um ser observador inato, me propus a auxiliar as crianças em suas atividades escolares em seus horários pós-aula. Dessa maneira, mantive contato regularmente com os colaboradores da pesquisa, podendo observar sua rotina e também fazer parte dela, como os momentos de descontração durante almoços e lanches da tarde com algumas das famílias e de conversas corriqueiras na vizinhança.

Durante os momentos de observação optei por dar ênfase a rotina familiar, visto que o uso da linguagem calou era mínimo, sendo assim, pude notar as relações internas em cada núcleo familiar, tais observações serão mais a frente utilizadas na discussão gerada pelas entrevistas, no momento irei apenas salientar que as figuras de autoridade maior se davam, não coincidentemente, as ciganas mais velhas. Assim sendo, percebo que autoridade conferida aos membros mais velhos da comunidade se permeia por meio de uma personificação de saberes culturais, isso porquê:

MOTA (1998) nos lembra que cigano que morre é incêndio de uma bibli-

4.2 As entrevistas

Finalizada a fase de observação participante, chega o momento de entrevistar as crianças e adultos que colaboraram com a pesquisa. Dos dezoito colaboradores, uma criança e o adulto responsável por ela optaram por não participar das entrevistas, assim, apenas oito crianças e oito adultos foram entrevistados.

Para as entrevistas, cinco perguntas (Figura 1) foram elencadas por serem consideradas necessárias para dar início a discussão, embora, outros questionamentos fossem surgindo durante a conversa, esses serviram para complementar os questionamentos principais. Cada colaborador foi entrevistado particularmente e o tempo de entrevista dependia da desenvoltura de cada entrevistado para discorrer sobre os temas abordados. As crianças apresentaram menos facilidade na hora da fala, não por dificuldades cognitivas, mas por se sentirem envergonhadas de estarem sendo gravadas, já os adultos foram mais receptivos a gravação.

As entrevistas ocorreram na última semana da pesquisa, especificamente no último dia de reforço escolar de cada criança. Sendo assim, segui o procedimento padrão dos reforços, cada colaborador tinha um momento separado e assim fizemos as entrevistas, logo em seguida o responsável de cada criança seria entrevistado. As perguntas principais foram escolhidas de modo que pudessem apresentar um panorama geral acerca do uso da linguagem calon, isso é, sua frequência e possíveis motivações de uso, além das crenças dos falantes e aprendentes sobre a língua. É importante ressaltar que, muitas vezes, as repostas de uma pergunta complementava as subsequentes, e vice-versa. Desse modo, algumas das respostas aqui mostradas não foram necessariamente respondidas na ordem do roteiro, isso é, algumas das respostas puderam ser encontradas em múltiplos momentos da entrevista.

Logo quando perguntados se falavam ou conheciam a língua calon, pude notar um padrão de respostas entre as crianças entrevistadas, isso porquê, a resposta comum era a de conhecer a língua, mas não falar, como por exemplo, "Eu conheço mais ou menos, eu tô aprendendo ainda, sei o básico."(C4, conversa gravada em mar/23), "Conheço, porém eu não pratico. Não sei falar."(C7, conversa gravada em mar/23), "Conhecer eu conheço, mas não falo"(C8, conversa gravada em mar/23). Quando a mesma pergunta era direcionada aos adultos, pude perceber uma diversidade maior nas respostas, alguns alegavam falar fluentemente, outros diziam conhecer a língua mas não falar. Vale ressaltar, que alguns dos adultos entrevistados não pertenciam a etnia cigana, embora fossem parte da família, como é o caso das mães de algumas crianças, que não nasceram ciganas mas casaram-se com ciganos. Essas mulheres (A4 e A7) afirmavam ter conhecimento da língua e até mesmo saber algumas poucas palavras, mas não utilizavam a língua para se comunicar. O padrão identificado aqui então é de que todos sabiam conheciam a língua calon, apesar de nem todos falarem.

Isso nos leva a próxima pergunta, "De que maneira você aprendeu a língua?". Com as res-

postas obtidas nesse momento, observamos três padrões, tanto das crianças, quanto dos adultos. Dado que os métodos de aprendizagem⁹, de cada um dos participantes se assemelhavam, o que não significa que suas experiências tenham sido iguais.

Nesse momento, as crianças residentes do bairro Sumaré afirmaram aprender a língua por meio das aulas ofertadas em sua comunidade e em alguns momentos em que presenciavam algum membro mais velho da comunidade falar na língua, enquanto as crianças da Fazenda Joelma não tinham acesso as aulas e justificaram não ter nenhuma espécie de aprendizado, o contato com a língua acontecia então por meio de alguns raros momentos em que seus familiares pronunciavam alguma expressão. Para exemplificar, trago as falas de uma residente da Fazenda Joelma, "Eu nunca treinei isso [...] ninguém nunca também me ensinou. [...] Eu já morei na fazenda desde cedo, as pessoas ficavam falando e só."(C8, conversa gravada em mar/23), e uma do bairro Sumaré:

Começou assim, eu indo pros eventos de cigano, eu via as pessoas mais velhas falando e tive vontade [de aprender], porque eu não sabia. Eu via minhas primas mais velhas falando. Aí teve um dia que eu olhei assim pra minha madrinha, "eu quero aprender, você me ensina?", aí ela "ensino", aí todo final de semana a gente faz aula. (C4, conversa gravada em mar/23)

As colaboradoras A4 e A7, relataram não falar a língua, mas terem aprendido algumas expressões durante o convívio com as famílias. Enquanto os adultos falantes da língua, por sua vez, afirmavam ter adquirido ainda durante a fase da infância, da mesma maneira que adquiriram sua L1, isso é, de maneira espontânea, como é o caso dos colaboradores A5 e A8, sendo esse último a pessoa responsável pelo ensino de *calon* para as crianças ciganas do bairro Sumaré, respectivamente:

Desde criança eu escuto minha família falando, né? [...] É como eu disse, é na infância, algo que vem na infância. Agora é que a gente ta tentando passar para as crianças de forma mais escolarizada, mas antes é a vida, foi a vida que foi passando, no cotidiano. (A5, conversa gravada em mar/23)

Desde pequena, antigamente. Desde criancinha. Uma que o convívio era *bute calon*, a gente chegava e se hospedava debaixo dos [...], debaixo dos

⁹O termo "aprendizagem" foi aqui empregado visando o entendimento dos entrevistados, uma vez que a diferenciação entre "aprendizagem" e "aquisição" é incomum aos que não estão a par das minúcias da linguística. Para elucidar essa diferença utilizaremos as palavras de (MARTÍN, 2004 apud ECKERT; FROSI, 2015, p. 20): O significado de aquisição é ampliado à aprendizagem de uma L2, que ocorre de maneira similar à forma como uma criança aprende a sua L1, ou seja, por contato direto e de forma espontânea. Assim, a aprendizagem de uma L2 está relacionada ao estudo formal, que ocorre, geralmente, numa sala de aula, com um professor, com exercícios gramaticais e comunicativos que visem a fomentar o domínio e a conversação em L2.

pau, aí ficava aquele convívio, conversando em *chibi*, as crianças e os adultos. Aí as crianças tinham mais facilidade ainda de aprender, não era obrigado ensinar, como hoje em dia, né? Porque hoje em dia, vive cada qual nas suas casas, não é mais rancho, aí já fica um contato mais difícil. (A8, conversa gravada em mar/23)

As três últimas perguntas do roteiro possuem respostas interligadas, em decorrência disso irei retratar-las de forma conjunta. Sendo assim, os seguintes relatos serão referentes a motivação, frequência e situações de uso da língua calon. Aqui é onde encontrei a maior variedade de respostas, mas, novamente, apesar disso pude encontrar semelhanças em seus discursos. Neste ponto, as principais diferenças pontuadas estarão presentes nos discursos dos adultos falantes da língua e das crianças não falantes ou aprendentes.

Ao serem questionados sobre suas motivações para aprender¹⁰ ou ensinar, frequência e situações de uso da língua, os adultos falantes apresentaram opiniões deveras firmes. Todos, sem exceção alguma, apontaram a importância da língua calon para a proteção dos povos ciganos e seu uso durante momentos que precisem conversar em segredo. Como pode ser visto nas falas dos colaboradores A1, A6 e A8, respectivamente:

Porque as crianças de hoje, é pra saber e ter a tradição de ciganos, né? [...] Seguir a tradição que é um meio da pessoa [ciganos] se defender, conversar sem as outras pessoas [não-ciganos] saber o que a gente está falando. (A1, conversa gravada em mar/23)

É uma forma deles [os ciganos] se comunicarem né, no caso, eu quero me comunicar com você e não quero que a outra pessoa [não-cigano] saiba o que é, né? [...] Pra não deixar também a cultura morrer, né? Porque isso faz parte da cultura cigana. (A6, conversa gravada em mar/23)

É importante a *chibi* pro calon, porque o calon que não sabe *chibi*, ele vive leigo. Vive leigo das tradições e da família. [...] Porque se não tivesse a língua, não tinha as tradições e nem os costumes. (A8, conversa gravada em mar/23).

No entanto, ao serem questionadas da mesma forma, as crianças pontuaram apenas a necessidade de aprender a língua como forma de manter a tradição viva, sem de fato haver situações e frequências de uso necessárias. Como foi o caso das respostas dos C3, C4 e C6: "Porque é de muito tempo né? Uma coisa de uma família antiga."(C3, conversa gravada em mar/23), "É

¹⁰Mais uma vez, o termo "aprendizagem" foi aqui empregado para facilitar o entendimento dos colaboradores.

porque eu acho que não pode deixar a cultura morrer e isso é importante pros ciganos.”(C4, conversa gravada em mar/23), ”Porque aí não vai morrer a raiz da nossa língua, aí nossa árvore ((simbolizando uma árvore crescendo com as mãos))”(C6, conversa gravada em mar/23).

É importante pontuar que nesse momento, embora usassem o mesmo discurso de manutenção das tradições, as duas gerações se comportam de maneira diferente em relação a língua. Para os mais velhos, a língua serve como forma de proteção, seja para a proteção pessoal, uma vez que a língua é comumente empregada em momentos de vulnerabilidade, seja para proteção das tradições. Quando observamos o histórico das comunidades ciganas, é compreensível tal preocupação com a proteção, uma vez que os ciganos passaram por séculos de perseguições e anticiganismo. A utilidade prática da língua vista de forma diferente entre as gerações se deve ao fato dos mais velhos terem vivenciado o nomadismo, mesmo que não integralmente, nesse processo a língua tinha um papel fundamental para a sobrevivência, tal como pontuado por (SIQUEIRA, 2012, p. 54):

No nomadismo, a relação entre ciganos e não ciganos era quase que totalmente baseada nas práticas de subsistência, em cujas dinâmicas a língua fazia toda a diferença. Também era importante meio para a defesa do cigano.

Ainda segundo esse mesmo autor, a utilização da língua é vista como um ”elemento de amarração da união do grupo e peça indispensável da sua identidade cultural”(SIQUEIRA, 2012, p. 70), sendo assim, parte fundamental para a conservação da ”identidade cigana”e também do modo de vida cigano. No entanto, com o passar dos anos, as relações entre ciganos e a sociedade, nesse caso a brasileira, foi sendo modificada. Diante do processo de sedentarização dos povos ciganos e a consolidação das relações entre ciganos e não-ciganos, o papel da língua assume uma nova forma.

Já sedentários, acentua-se o uso do português como consequência da intensidade crescente do convívio com não ciganos e pela expansão de formas de sociabilidade entre ambos a partir das gerações mais jovens. Esse convívio que se estabelece predominantemente nas escolas, bem como na necessidade de se construir espaços de progresso na sociedade não cigana, parecem vir diminuindo as motivações convencionais para aprendizado e difusão da língua cigana pelas novas gerações. (SIQUEIRA, 2012, pp. 54-55)

Dito isso, embora se possa pensar que esses fenômenos estão a tornar a língua obsoleta e a caminhá-la para uma futura ”morte”irrefreável, o que de fato acontece é uma modificação na forma em como os ciganos e, conseqüentemente, não-ciganos se comportam perante a língua calon. De fato, as crianças têm menor contato com a língua, mas isso por si só não condenaria o

calon ao desuso. Em questão de utilidade, apesar de não terem a mesma preocupação dos membros mais velhos de utilizar a língua para a segurança de seus povos, a nova geração compreende a importância da língua para suas culturas e, embora não usem com a mesma frequência, ainda mantêm suas práticas.

Outro ponto necessário para a discussão, que não estava inicialmente definido no roteiro mas que foi acrescentado durante as entrevistas, é a classificação de quem pode ou não saber a língua. Para os mais velhos, o calon é dos ciganos e apenas eles o sabem, e devem saber. Para a geração mais nova, há uma divisão de opiniões, alguns compartilham do pensamento das gerações anteriores, enquanto outros entendem que a língua é direito de todos aqueles que querem aprender.

Entre os adultos a maioria dos discursos são contra o ensino da língua para não-ciganos, apenas um se opôs a esse pensamento. Por exemplo: "É uma cultura dos ciganos, eu acredito que não é pra ser repassada pra *juron*." (A7, conversa gravada em mar/23), "Não, porque é uma coisa só pros calons, aí se nós for expor [...] o que é que nós calon tem de defesa? Nenhuma." (A8, conversa gravada em mar/23)

"Assim, há uma contradição, né? Porque os mais velhos, como acontece em outras culturas, tenta reprimir. Mas quanto mais pessoas souberem, mais seria interessante, porque era uma língua [que seria] falada, como, vou dar um exemplo, o inglês." (A2, conversa gravada em mar/23).

O discurso da geração mais velha se justifica pelas questões pontuadas acima, uma vez que é sabido que existiam conflitos entre ciganos e não-ciganos, a língua era um modo de se proteger, mas uma parte da geração de hoje não enxerga, nem vivência, essa situação, sendo assim não veem problema em ciganos e não-ciganos compartilharem uma mesma língua, visto que já compartilham o português. Entre as crianças, tivemos respostas como: "Acho que pra todo mundo que quer aprender. [...] É, a pessoa quiser, né? Aí é só mandar a pessoa colocar na aula de chibi aí já aprende." (C2, conversa gravada em mar/23), "Não, é contra a lei, só os ciganos deve saber o seu idioma." (C4, conversa gravada em mar/23) e "[...] É da tradição dos ciganos, é só pros ciganos saber. Eu acho que é só dos ciganos, que não é pros outros saber." (C7, conversa gravada em mar/23).

É importante pontuar que essas crianças vivenciam uma realidade diferente da geração anterior. Isso porque, seu ciclo de relações sociais incluem pessoas não-ciganas, sendo assim, essas relações influenciam em seu modo de vida, e também na sua relação com a própria língua. Uma vez que, em seu cotidiano, a presença de não-ciganos seja corriqueira, dado que o local onde vivem não é mais uma comunidade somente cigana e sim uma comunidade compartilhada por ciganos e não-ciganos, elas não parecem associar o mesmo significado que a geração anterior para os não-ciganos, isso é, suas relações modificaram seu modo de lidar com a comunidade

externa.

5 Conclusão

A presente pesquisa científica abordou questões acerca da aquisição da língua calon. Neste trabalho, buscou-se apresentar alguns tópicos relevantes para a discussão do processo de aquisição percorrido por, algumas, crianças ciganas de Sumaré e Fazenda Joelma, dentre esse processo, as suas possíveis motivações para tal. Uma vez que há a ideia de que a(s) cultura(s) cigana(s) estão se perdendo, que sua linguagem está entrando em desuso, essa pesquisa se posiciona contrária a esse pensamento e diante das poucas pesquisas com a mesma temática, esse estudo faz-se necessário para complementar, ainda que minimamente, o arcabouço teórico disponível.

Os dados analisados revelam de que modo se dá a aquisição da língua calon para crianças das comunidades ciganas do Sumaré e da Fazenda Joelma em Sobral-CE, com foco especial para a aquisição do calon enquanto língua de herança em situação minoritária. Diante das relações familiares e sociais relatadas, pode-se perceber que essa aquisição ocorre seguindo o viés sociointeracionista, uma vez que o contato com a língua acontece por meio das interações entre membros mais velhos da comunidade com a geração mais nova. A língua calon, nesse caso se encontra como língua de herança pelo simbolismo atrelado as tradições calon, dado que a língua se transmite como um bem cultural cigano, não obstante, a língua é aqui utilizada como ponte para a transmissão dos valores e costumes da(s) cultura(s) cigana(s). É necessário ressaltar que os resultados aqui obtidos ainda são iniciais, e devem ser aprofundados, senão pela autora, em trabalhos de outros pesquisadores que possam vir a ser executados.

Evidencia-se também que a discussão apresentada a nesse trabalho não buscou, nem conseguiria, analisar o processo de aquisição da língua calon de modo geral, nem afirmar que essa aquisição ocorra igualmente entre todos os povos ciganos, nem que haja apenas um único processo, uma vez que os povos ciganos é composto por grupos heterogêneos, de diversidade geográfica, cultural, linguística, entre outros aspectos. A proposta, *a priori*, seria de defrontar a escassez de trabalhos com temáticas linguísticas acerca das linguagens ciganas, principalmente, sobre a língua calon. Pontua-se também o dado tempo demasiadamente curto da pesquisa, diante disso, sabe-se que os dados coletados e analisados podem não ser suficientes para tratar um tema tão complexo de forma precisa e incontestável. Para que o tema possa ser melhor explorado, espera-se que outras pesquisas surjam, para preencher lacunas que não puderam ser preenchidas por esse estudo.

Bibliografia

- ALMEIDA FILHO, J. C. P. de. Maneiras de compreender lingüística aplicada. *Letras*, n. 2, p. 4–10, 1991.
- ALMEIDA FILHO, N. d. Transdisciplinaridade e saúde coletiva. *Ciência & saúde coletiva*, SciELO Brasil, v. 2, p. 5–20, 1997.
- ANDRADE JÚNIOR, L. Os ciganos e os processos de exclusão. *Revista Brasileira de História*, SciELO Brasil, v. 33, p. 95–112, 2013.
- ARISTICTH, J. *Ciganos: a verdade sobre nossas tradições*. [S.l.]: Irradiação Cultural, 1995.
- AUGUSTO, T. G. d. S. et al. Interdisciplinaridade: concepções de professores da área ciências da natureza em formação em serviço. *Ciência & Educação*, Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência, v. 10, n. 02, p. 277–290, 2004.
- BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. [S.l.]: São Paulo: Hucitec, 2006. v. 7.
- CARLOS, L. L. L. Leituras de si nas cirandas ciganas com as crianças do bairro sumaré em sobral/ce: hibridação e resistências. 2022.
- CAVALCANTI, M. C. A propósito de lingüística aplicada. *Trabalhos em lingüística aplicada*, v. 7, 1986.
- COELHO, L. P.; MESQUITA, D. P. C. de. Língua, cultura e identidade: conceitos intrínsecos e interdependentes. *Entreletras*, v. 4, n. 1, 2013.
- ECKERT, K.; FROSI, V. M. Aquisição e aprendizagem de línguas estrangeiras: princípios teóricos e conceitos-chave. *Domínios de Lingu@ gem*, v. 9, n. 1, p. 198–216, 2015.
- FARDO, M. L. A gamificação aplicada em ambientes de aprendizagem. *Renote*, v. 11, n. 1, 2013.
- FISHMAN, J. A. Three hundred-plus years of heritage language education in the united states. In: *Handbook of heritage, community, and native American languages in the United States*. [S.l.]: Routledge, 2014. p. 50–58.
- GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. *Revista de Administração de empresas*, SciELO Brasil, v. 35, p. 20–29, 1995.
- GOLDFARB, M. P. L.; TOYANSK, M.; CHIANCA, L. de O. Os ciganos. *Galante, Fundação Helio Galvão, Natal*, v. 3, n. 2, 2003.
- INGRAM, D. *First Language Acquisition: Method, Description and Explanation*. Cambridge University Press, 1989. ISBN 9780521349161. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=VavMNVpumh0C>>.
- KELLEHER, A. What is a heritage language? heritage briefs. *Center for Applied Linguistics. Retrieved on June*, v. 25, p. 2019, 2010.
- LIMA, M. G. de S.; FIGUEIREDO, M. G. de A. O contexto multilíngue e a aquisição da linguagem em uma comunidade cigana calon. *Revista X*, v. 17, n. 2, p. 553–587, 2022.

- LOPES, M. Da aplicação de linguística à linguística aplicada indisciplinar. *Linguística aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Contexto, p. 11–24, 2009.
- LORANDI, A.; CRUZ, C. R.; SCHERER, A. P. R. Aquisição da linguagem. *Verba Volant*, Editora e Gráfica Universitária da UFPel Pelotas, v. 2, n. 1, p. 144–66, 2011.
- MINAYO, M. C. d. S. *O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde*. [S.l.]: Hucitec, 2007. (Saúde em debate).
- MINAYO, M. C. d. S.; COSTA, A. P. Fundamentos teóricos das técnicas de investigação qualitativa. *Revista Lusófona de Educação*, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, n. 40, p. 11–25, 2018.
- MINAYO, M. C. de S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. [S.l.]: Editora Vozes Limitada, 2011.
- MONTRUL, S. *The acquisition of heritage languages*. [S.l.]: Cambridge University Press, 2016.
- MOONEN, F. *CIGANOS CALON NO MUNICÍPIO DE SOUSA/PB (1993-2011)*.
- MOONEN, F. Anticiganismo e políticas ciganas na europa e no brasil. *Núcleo de Estudos Ciganos: Recife*, 2012.
- MOONEN, F. Ciganos e ciganólogos: estudar ciganos para quem e para quê. *Recife: Núcleo de Estudos Ciganos*, 2012.
- MORAES FILHO, M. *Os Ciganos no Brazil : contribuição ethnographica*. [S.l.]: B. L. Garnier, 1886.
- PEREIRA, C. d. C. Ciganos: a oralidade como defesa de uma minoria étnica. *ANUARIO PARA EL RESCATE DE LA TRADICIÓN ORAL DE AMERICA LATINA Y DEL CARIBE*, Citeseer, 2011.
- PETTER, M. Linguagem, língua, linguística. *Introdução à linguística*, v. 6, p. 11–24, 2002.
- POLIDÓRIO, V. O ensino de língua inglesa no brasil. *Travessias*, v. 8, n. 2, 2014.
- QUADROS, R. M. D. *Língua de herança: língua brasileira de sinais*. [S.l.]: Penso Editora, 2017.
- QUADROS, R. M. de; FINGER, I. *Teorias de aquisição da linguagem*. [S.l.]: Ed. da UFSC, 2008.
- ROCHA, D.; DAHER, D. C. Afinal, como funciona a linguística aplicada e o que pode ela se tornar? *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, SciELO Brasil, v. 31, p. 105–141, 2015.
- ROHLING, N. A pesquisa qualitativa e análise dialógica do discurso: caminhos possíveis. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 15, n. 2, p. 44–60, 2014.
- SAHLINS, M. O”pessimismo sentimental”e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um”objeto”em via de extinção (parte i). *Mana*, SciELO Brasil, v. 3, p. 41–73, 1997.

SANTOS, B. de S. *Um discurso sobre as ciências*. Cortez Editora, 2018. ISBN 9788524926501. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=QXdZDwAAQBAJ>>.

SHIMURA, I. Ser cigano: a identidade étnica em um acampamento calon itinerante. *Maringá: Amazon*, 2017.

SILVA, L. F. d. A vida em família: parentesco, relações sociais e estilo de vida entre os calons de sobral, ceará. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2015.

SIQUEIRA, R. d. A. *Os Calon do município de Sousa-PB: dinâmicas ciganas e transformações culturais*. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal de Pernambuco, 2012.

SOARES, E. F. Ciganidade online: As representações identitárias e culturais do instituto cigano do brasil no facebook. 2023.

SOUTO, M. V. L.; ALÉM, V.; GONZALES, A. Conceitos de língua estrangeira, língua segunda, língua adicional, língua de herança, língua franca e língua transnacional. *Anais da IX JNLFLP, CiFEFiL* Rio de Janeiro, p. 890–900, 2014.

TEIXEIRA, R. C. História dos ciganos no brasil. *Recife: Núcleo de Estudos Ciganos*, p. 15–21, 2008.